

#cm  
2  
QUARTA-FEIRA

Festival reúne no Rio pérolas do cinema africano

PÁGINA 3



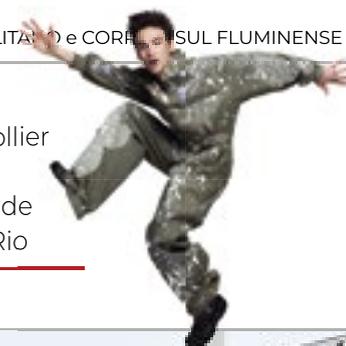
O belo '3 Obás de Xangô' chega ao circuito exibidor

PÁGINA 4



Jacob Collier leva sua sonoridade ao Vivo Rio

PÁGINA 6



Bruno Ryfer/Divulgação

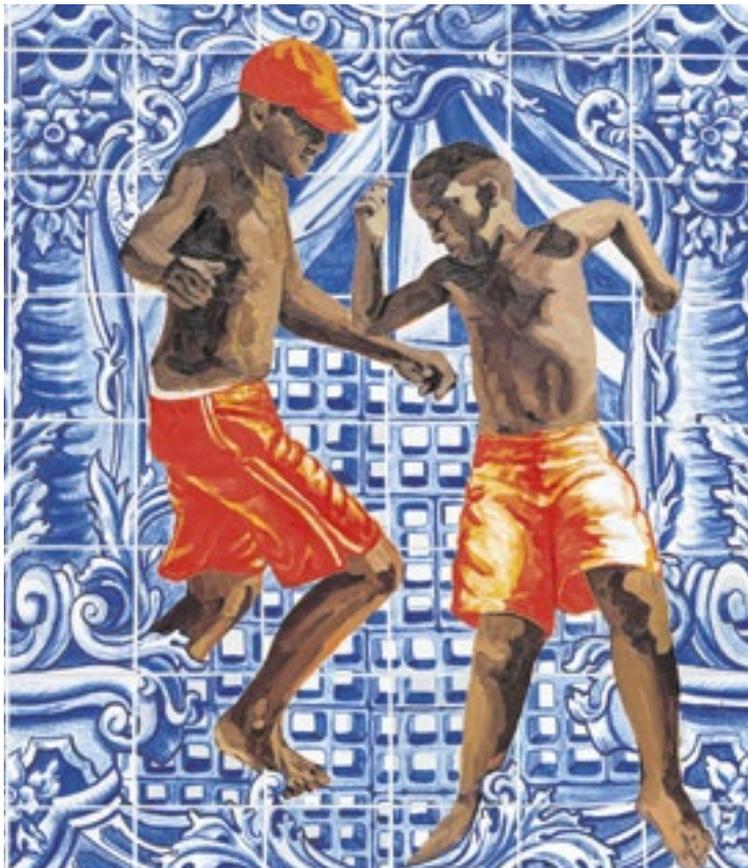
# O epicentro da arte latino-americana

ArtRio chega à sua 15ª edição reunindo mais de 80 galerias brasileiras

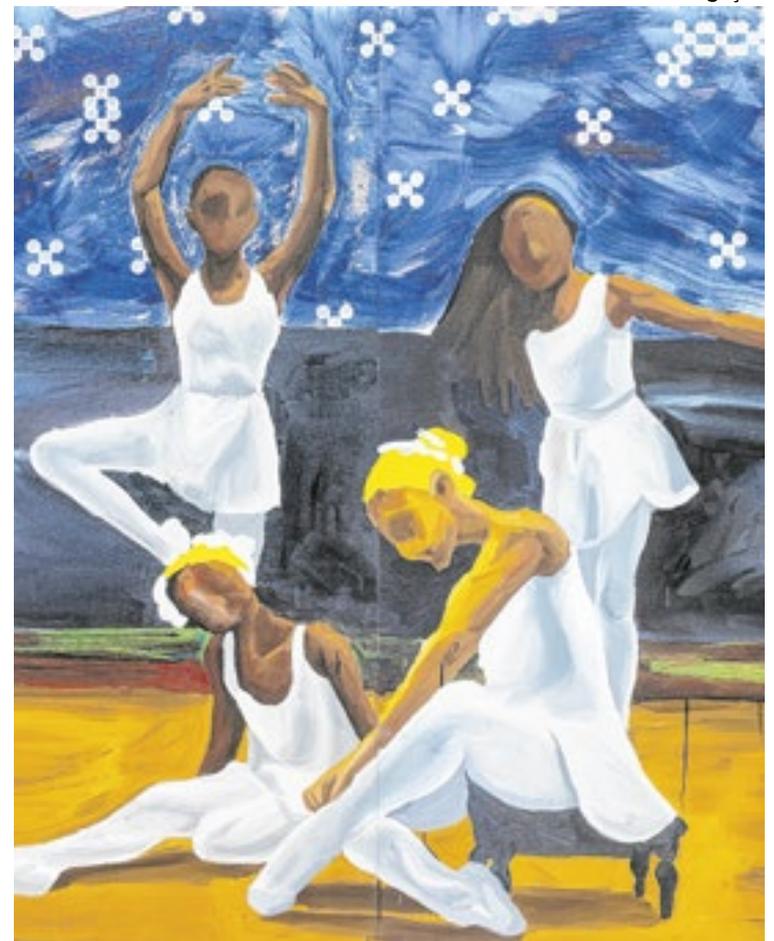
Por **AFFONSO NUNES** | A ArtRio promove esta semana sua 15ª edição e se consolida como um dos eventos mais significativos do calendário artístico da América Latina. Entre os dias 10 e 14 de setembro, de quarta a domingo, a Marina da Glória receberá mais de 80 galerias nacionais e internacionais nos pavilhões Terera e Mar. Mais que uma feira para comercializar obras de arte, o evento é hoje uma plataforma que conecta galerias, artistas, curadores, colecionadores, instituições culturais e o público em geral, fomentando o mercado de arte. **Continua na página seguinte**

# Panorama abrangente da arte brasileira contemporânea

Divulgação



**Obras do acervo da 15ª edição da ArtRio que vão ilustrar cartazes que estão sendo espalhados pela cidade**



A programação curatorial da 15ª ArtRio se distribui pelos programas Panorama, Solo/Duo, Brasil Contemporâneo, Expansão e Mira, oferecendo um panorama abrangente da produção artística contemporânea. O Jardim de Esculturas, os debates promovidos no palco do Instituto Cultural Vale, o estande do Prêmio Foco ArtRio e o setor editorial completam a experiência, criando um ambiente de imersão cultural que aproveita a vista única da Marina da Glória para diversos cartões-postais cariocas.

Desde março, a feira está sob a gestão da Dream Factory, de Duda Magalhães, em sociedade com o grupo Dreamers, da família Medina. A mudança não alterou o trabalho da curadoria que já estava definido. A diretora artística Maria Luz Bridger explica que a grande mudança, este ano, está na experiência do público e dos expositores: melhorias de infraestrutura, comparáveis às grandes mostras internacionais; um restaurante substitui os tradicionais food trucks; e a negociação com a Prefeitura para reduzir gargalos no entorno da Marina da Glória, incluindo transporte alternativo e parcerias com estacionamentos próximos.

A grande novidade deste ano é a criação da primeira Semana de Arte e Cultura do Rio de Janeiro, realizada em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura e integrada ao calendário oficial da cidade. A programação se estenderá por todos os bairros, mobilizando galerias, museus, instituições culturais e as arenas culturais municipais.

Paralelamente, a ArtRio promoverá uma ocupação artística inédita nas ruas da cidade. Em parceria com a Clear Channel, obras de quinze grandes artistas brasileiros serão espalhadas em cartazes por toda as regiões. Nomes como Vik Muniz, Djanira, Anna Bella Geiger, Bruno Lyfe, Miguel Rio Branco, Lucia Laguna e Mulambo terão suas criações transformando o Rio numa galeria a céu aberto.

“Queremos que toda a cidade e seus visitantes vivenciem o espírito da ArtRio e tenham contato com a arte em seu cotidiano. Essa campanha foi criada exatamente para estimular esse contato e despertar

a curiosidade de saber mais sobre aquele artista ou obra”, explica Luisa Sá, gerente de Marketing da ArtRio. Para ela, a feira “extrapola o espaço da feira e efetivamente faz uma ocupação artística em todo o Rio”.

A experiência se completa com conversas e debates na Marina da Glória que reunirão grandes nomes da arte contemporânea, estandes interativos dos patrocinadores e uma área gastronômica em harmonia e com a paisagem privilegiada da Baía de Guanabara, esta uma obra de arte com a assinatura da natureza.

## SERVIÇO

### ARTRIO 2025

Marina da Glória

De 10 a 14/9, quarta-feira (14h às 20h), quinta e sexta (13h às 20h), sábado e domingo (14h às 20h)

Ingressos: R\$ 90 e R\$ 45 (meia) no link <https://l1nq.com/28L4z>

Iyua Alaha/Divulgação



‘O Fardo da Nigéria’, de Ema Edosio, abre a programação seguido de debate com a cineasta

# Autoralidades africanas nas telas

Leo Purman/Divulgação



‘A Lenda da Rainha Errante de Lagos’ é uma produção nigeriana dirigida pelo Coletivo Agbajowo

Sheldon Chau/Divulgação



‘Demba’, novo longa do premiado Mamadou Dia, que encerra o evento com a presença do cineasta senegalês

Produções do continente que se destacaram nos principais festivais europeus são exibidas até o dia 15 no CCBB

Por Affonso Nunes

**O** Rio de Janeiro recebe pela primeira vez a Mostra de Cinemas Africanos, evento que se consolida como o único festival continuado no Brasil dedicado exclusivamente à exibição de filmes da nova safra autoral do continente. Até a próxima segunda-feira (15), o Centro Cultural Banco do Brasil apresenta uma

seleção criteriosa de 15 longas e 5 curtas-metragens de 11 países africanos, muitos deles inéditos por aqui.

A curadoria, assinada por Ana Camila Esteves, idealizadora da Mostra, e pela ganense Jacqueline Nsiah, integrante do comitê de seleção da Berlinale, privilegia títulos que transitaram por importantes festivais internacionais como Cannes, Locarno, Tribeca e Berlim. As narrativas revelam a diversidade

estética e temática do continente, abordando desde dramas políticos até fantasias urbanas, passando por críticas sociais que desafiam estereótipos sobre a produção cinematográfica africana.

O filme de abertura será “O Fardo da Nigéria” (When Nigeria Happens, 2025), dirigido por Ema Edosio, seguido de debate com a cineasta. O encerramento ficará por conta de “Demba” (Senegal, 2024), novo trabalho do premiado

Mamadou Dia, que estará presente para conversar com o público. Entre os destaques internacionais figura “Sobre Quando Quebrei o Silêncio” (On Becoming a Guinea Fowl, Zâmbia/EUA, 2024), produção da A24 dirigida por Rungano Nyoni, cineasta conhecida no Brasil por “Eu Não Sou uma Bruxa”.

A grande novidade desta edição é o “Naija Focus”, recorte especial dedicado ao cinema nigeriano contemporâneo. “Naija” representa

um apelido carinhoso que os nigerianos usam para se referir ao seu país, carregando orgulho, identidade e pertencimento. Além do filme de abertura, o foco apresenta três longas que exemplificam a vitalidade da produção local: “A Lenda da Rainha Errante de Lagos” (2024), fantasia urbana do Agbajowo Collective com estreia mundial no TIFF; “O Fim de Semana” (2024), de Daniel Oriahi, suspense que investiga as dinâmicas da classe média nigeriana exibido em Tribeca; e “A Estrada da Liberdade” (2024), de Afolabi Olalekan, denúncia da corrupção policial também presente no TIFF.

O programa nigeriano se completa com cinco curtas selecionados em parceria com o S16 Film Festival, evento de Lagos dedicado a novas vozes cinematográficas, e uma sessão especial de “Mami Wata” (2023), de C.J. Obasi. Esta última contará com a presença da diretora de fotografia brasileira Lílís Soares, premiada em Sundance pelo trabalho no filme. A seleção propõe um mergulho no imaginário nigeriano contemporâneo, misturando crítica social e liberdade estética em narrativas que transcendem os clichês sobre o continente.

A programação educativa inclui um minicurso ministrado por Ana Camila Esteves sobre o cinema nigeriano, oferecendo imersão crítica em Nollywood, uma das maiores indústrias cinematográficas mundiais. A atividade aborda contexto histórico, estratégias de mercado, narrativas populares e a crescente presença da produção nigeriana em plataformas de streaming globais.

## SERVIÇO

### MOSTRA DE CINEMAS AFRICANOS 2025

Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66, Centro)

10 a 15/9

Entrada gratuita, com ingressos disponíveis na bilheteria a partir das 9h do dia da sessão ou em [www.bb.com.br/cultura](http://www.bb.com.br/cultura)

Programação completa: [mostradecinemasfricanos.com](http://mostradecinemasfricanos.com)

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**T**inha um par de longas brasileiros de passagem pela Croisette quando o baiano Jorge Amado (1912-2001) integrou o júri do Festival de Cannes, 40 anos atrás, pouco depois de ter publicado “Tocaia Grande”: na Semana da Crítica havia “A Marvada Carne”, de André Klotzel, enquanto “O Beijo da Mulher Aranha” disputava a Palma de Ouro. O sucesso de Hector Babenco (1946-2016) não passou sem vitórias pelo time de jurados, no qual o autor de “O País do Carnaval” fez valer sua autoridade (literária) de pensador da cultura: William Hurt (1950-2022) deixou o balneário com o prêmio de Melhor Ator – e, meses depois, ganhou o Oscar.

Antes disso, em 1977, um outro festival tamanho GG, a Berliane, exibiu, na competição oficial pelo Urso de Ouro, a adaptação de um dos exercícios narrativos semanais do escritor: “Tenda dos Milagres”, de Nelson Pereira dos Santos (1928-2018). Naquele ano, “Dona Flor e Seus Dois Maridos”, que também nasceu da Bahia de Jorge, passou pelo Festival de Taormina, na Itália, onde ganhou a laurea especial do júri. Era um tempo de euforia para o prosador nascido em Itabuna, que fez de Salvador e Ilhéus terrenos imortalizados nas letras, em romances publicados em 52 países, com tradução para 48 idiomas e dialetos.

Houve um tempo em que o cinema e a TV pensavam em Amado o tempo todo. Esse tempo se materializa uma vez mais com a chegada de “3 Obás de Xangô” ao circuito.

O troféu Redentor de Melhor Documentário do Festival do Rio, somado a prêmios na Mostra de São Paulo e na Tiradentes, abriu caminhos para o filme de Sergio Machado, que aborda a relação de Amado com dois outros orixás encarnados: o artista plástico Carybé (1911-1997) e o músico Dorival Caymmi (1914-2008).

Sucesso por onde passa, o .doc revive a amizade entre os três pensadores do Brasil, para os quais a



Jorge Amado, Carybé, Zélia Gattai e Mãe Pepita em imagem resgatada pelo doc. ‘3 Obás de Xangô’

# Amado seja Jorge

Estreia do documentário ‘3 Obás De Xangô’ e o regresso do cult nacional ‘Dona Flor’ à telona retoma o caso longevo de amor entre o cinema brasileiro o autor de ‘Tenda dos Milagres’

arte era canal de expressão da espiritualidade, numa conexão direta com o candomblé. Segundo Machado, que batizou seu filho em tributo a Jorge, aquele pedacinho do Nordeste era “um país da delicadeza”. Há 15 anos, o cineasta levou “A Morte e a Morte de Quincas Berro D’Água” (publicado por Amado em 1961) ao cinema, com Paulo José (1937-2021) no papel central.

“A obra de Jorge se confunde

com a vida, e é uma obra marcada pela generosidade”, diz Sergio ao Correio da Manhã. “O Jorge ajudava Deus e o mundo na Bahia. Eu faço cinema hoje porque um dia ele pediu para ver o meu filme ‘Troca de Cabeça’. Essa generosidade dele está no ‘3 Obás de Xangô’. O filme foi bem nos festivais e tem emocionado plateias por ter essa bomba de afeto que o Jorge era. Sua história com seus amigos chega num momento em que a gente

está vivendo uma polarização no mundo. Todo mundo acaba sendo tocado ao ouvir Jorge dizer que ‘sem amor não vale a pena viver’ e lembrar que ‘a amizade é o sal da vida’. A casa dele era aberta a todo mundo, de Jean-Paul Sartre e Pablo Neruda a Mestre Pastinha e Dona Olga do Alaketu. Aos domingos, as portas de seu lar estavam abertas, com uma mesa farta oferecida a quem chegasse”.

A última vez que o cinema

nacional adaptou Amado pra telona foi em 2017, quando um novo “Dona Flor...” (hoje na Netflix) chegou ao circuito, com Juliana Paes, Marcelo Faria e Leandro Hassum.

A versão anterior do triângulo metafísico entre a quituteira Florípedes, o farmacêutico Teodoro e o Zé Pelintra chamado Vadinho – encarnados por Sonia Braga, Mauro Mendonça e José Wilker – estreou em 1976 e vendeu 10,7 milhões de ingressos. Está apontado para voltar ao circuito nesta quinta, embora possa ser visto, hoje, no Globoplay.

Em agosto, a Festa Literária Internacional do Pelourinho (Flipelô), em Salvador, serviu de sede para o lançamento de “Cartas: Dias Gomes – Jorge Amado”, que apresenta cartas trocadas entre o romancista por trás de “Tieta” e o autor de telenovelas e dramaturgo que nos deu “Roque Santeiro”. É uma prova de que o legado do artesão da palavra segue eufórico, como a Bahia de suas histórias... a Bahia dos “3 Obás de Xangô”.

ENTREVISTA / NICOLAS PHILIBERT, CINEASTA

# 'Eu faço filmes para aprender'

Por **Rodrigo Fonseca**

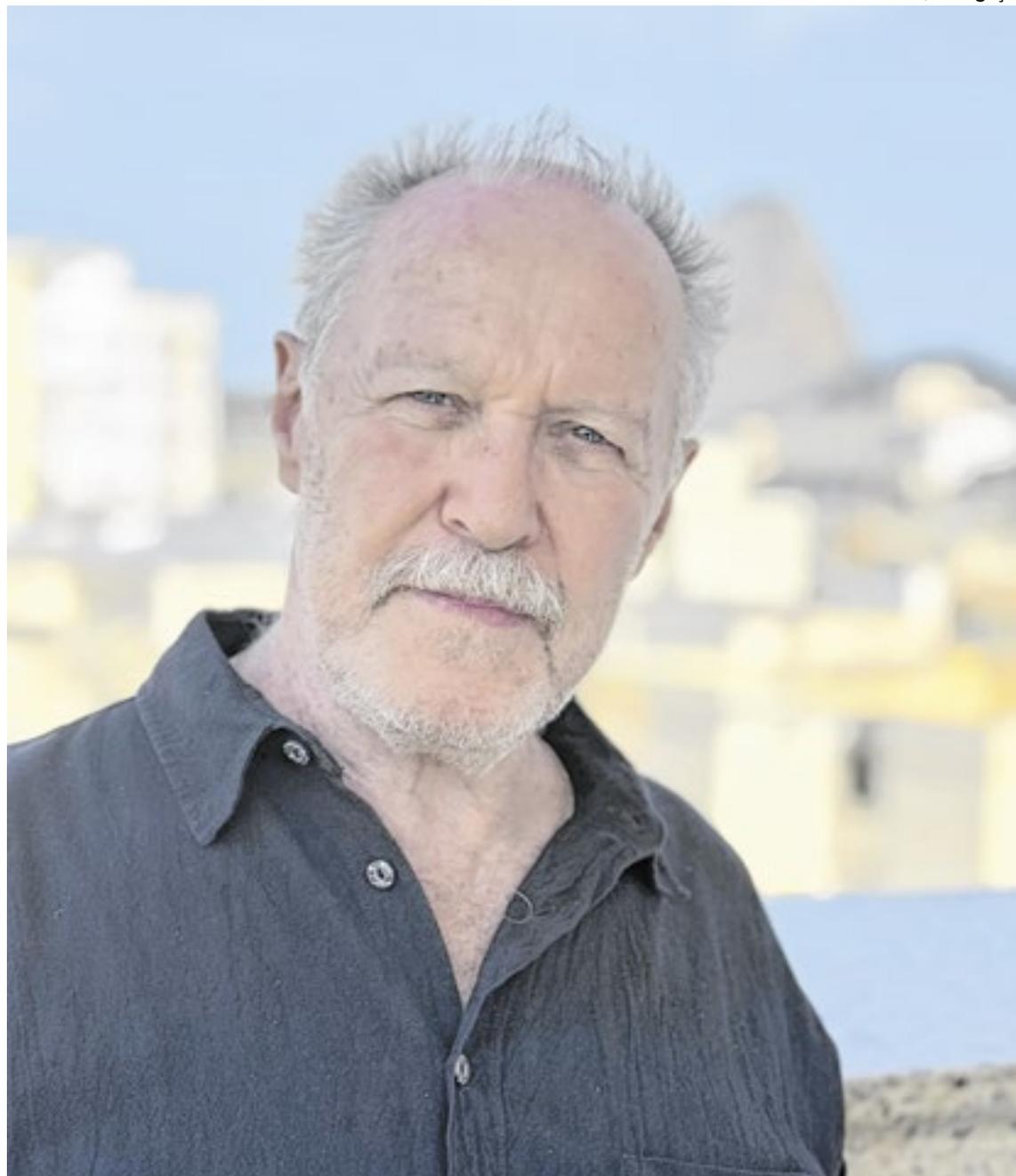
Especial para o Correio da Manhã

**G**anhador do Urso de Ouro da Berlinale de 2023 com "No Adamant", o francês Nicolas Philibert caiu na real de que o documentário tira todo e qualquer glamour dos clichês sociológicos ali pelo fim dos anos 1970, quando começou a criar uma obra autoralíssima que, até o dia 21, vai mobilizar a telona da Caixa Cultural, no Centro do Rio. Nesta quinta (11), o diretor de 74 anos estará lá para um debate com a realizadora Flavia Castro e o professor e pesquisador Cezar Migliorin.

O papo vai começar logo após a sessão de seu longa-metragem mais recente, "A Máquina de Escrever e Outros Aborrecimentos" ("La Machine à Écrire et Autres-ressources de Tracas", 2024), agendado para as 16h30. A mediação será de Jeanne Dosse, que assina a curadoria em duo com Tatiana Devos Gentile.

Nesta quarta, o realizador projeta dois longas no espaço exibidor da Rua do Passeio, 38. Às 15h passa "A Voz do Seu Mestre" ("La Voix de Son Maître"), que marcou sua estreia como diretor, em 1979, numa estreia em parceria com Gérard Mordillat. Nele, doze chefes de grandes empresas francesas (L'Oréal, Darty, IBM-France, Paribas, Le Club Med) falam sobre poder, comando, hierarquia, greve. Às 17h10, é a vez de "Averroès & Rosa Parks", lançado na Berlinale de 2024, fora de concurso, como foco em pacientes e profissionais da saúde de um polo psiquiátrico de Paris.

Essa produção é uma espécie de gêmea do supracitado "Sur L'Adamant", que a Caixa exhibe no dia 20, às 14h30. Nesta sexta, às 18h, passa seu aclamado "Ser e Ter" ("Être et Avoir", 2002), que fez sucesso no Brasil às duas décadas retratando uma escola de ensino fundamental. Na conversa a seguir, Philibert explica sua forma de filmar e dessacraliza mitos cinematográficos.



Jeanne Dosse/Divulgação

**O audiovisual brasileiro emplacou vários expoentes autorais no documentário sobretudo a partir dos anos 1960. Existe no Brasil, como em toda a América Latina, a percepção de que a interação do cinema com os dispositivos da não ficção legitima investigações sociológicas. Que espaço a narrativa documental**

**tem na França?**

**Nicolas Philibert** - Existe uma blague de que ficção é "cinema de rico", por ter mais dinheiro do que a verba - ainda precária - destinada aos projetos de documentário, mas, até neste terreno há "ricos" e "pobres". Para além dessa brincadeira, existe uma efervescência da produção, pois a cada semana eu vejo pelo

menos três filmes documentais estrearem nas salas da França. Eu não tenho conhecimento para avaliar em que pé está o documentário no Brasil hoje. Eu vi um filme brasileiro ano passado na Quinzena de Cineastas de Cannes ("A Queda do Céu", de Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha) e conheço a obra que o diretor francês Jean-

-Pierre Duret faz com sua mulher, a brasileira Andrea Santana (como "Le Rêve de São Paulo").

**Qual foi a maior lição que o cinema lhe trouxe ao longo de cinco décadas de ofício nas verdades do real?**

Não existe "o real", no cinema. Um documentário jamais será uma realidade, ele é apenas uma interpretação. O olhar de quem filma traz uma subjetividade para o contexto retratado que será sempre singular. Eu posso dar o mesmo objeto a três cineastas e cada um fará uma abordagem diferentes. Eu faço filmes para aprender. O cinema foi a forma que eu encontrei de compreender o mundo confrontando meus limites. É como se a câmera me protegesse. Existe os outros e eu. A mise-en-scène estabelece um distanciamento a partir do qual eu vou ouvir pessoas.

**Que França está no centro de seu enquadramento?**

A França dos grupos populares que tentam resistir à devastação imposta por problemas sociais. Uma França que está além dos tecidos sociais que circundam as elites. Eu venho abordando as questões psiquiátricas em meus filmes mais recentes sempre driblando o individualismo, mas preservando particularidades. Eu quero mostrar o paciente para além do sintoma. O cinema que eu faço depende da palavra.

**Como é filmar a palavra e como é enquadrar o silêncio?**

A televisão massacrou a palavra no momento em que descartou os tempos mortos dos diálogos. A TV detesta os silêncios, mas as hesitações são parte do discurso de um indivíduo. São sua pontuação. Essa pontuação me interessa, assim como os gestos, assim como a forma de a pessoa se espalhar em cena. Tudo isso diz muito sobre ela. Filmar a palavra é saber ir além do que a transcrição convencional elimina.

**O que sua estética da empatia pretende?**

Ampliar a visão que temos do outro sem cair no lugar comum.

# O Mozart colorido da Geração Z

Multi-instrumentista britânico Jacob Collier apresenta-se no Vivo Rio

Por **Affonso Nunes**

O multi-instrumentista britânico Jacob Collier volta ao Rio após oito anos para apresentação única no Vivo Rio nesta quarta-feira (10). O show, que integra a nova série *Queremos! Jazz*, divulga “Djesse Vol. 4”, álbum lançado em março de 2024 e finalista na categoria Álbum do Ano do Grammy 2025, ao lado de Beyoncé, Taylor Swift e Billie Eilish.



Aos 30 anos, Jacob Collier acumula sete Grammys

Reconhecido como um dos artistas mais inovadores de sua geração, Collier é descrito pelo *New York Times* como “o Mozart colorido da Geração Z”. Aos 30 anos, acumula sete prêmios Grammy e 15 indicações, sendo o primeiro britânico da história a vencer a premiação com cada um de seus cinco primeiros álbuns de estúdio. Sua abordagem musical combina sofisticação harmônica, experimentação técnica e energia.

Neste novo trabalho, Collier explora ainda mais os limites da criação musical com

colaborações que incluem SZA, John Mayer, Chris Martin (líder do Coldplay), Stormzy e Kirk Franklin. O artista se destaca pela habilidade de orquestrar camadas complexas de vocais, instrumentos e texturas eletrônicas, frequentemente gravando sozinho centenas de trilhas por canção.

No palco, conduz verdadeiras celebrações sonoras, promovendo interações espontâneas com o público e transformando arenas em coros de milhares de vozes. Desde sua estreia no Vivo Rio em 2017, consolidou reputação como “construtor de mundos”, colecionando parcerias com artistas de diferentes estilos, de Quincy Jones a Anoushka Shankar.

## SERVIÇO

### JACOB COLLIER

Vivo Rio (Av. Infante D. Henrique, 85 - Parque do Flamengo)

10/9, às 21h

Ingressos a partir de R\$ 360 e R\$ 180 (meia) - 1º lote

# Quando o samba manda chamar

Leila Pinheira retorna ao gênero com novo show no Riachuelo

O chamado do samba é coisa com que não se brinca. Leila Pinheiro que o diga. A cantora e compositora retoma sua ligação com o gênero 12 anos depois do show “Eu Canto Samba” com o espetáculo “Viva Meu Samba”, que marca seus 45 anos de carreira. A apresentação nesta quarta-feira (10), no Teatro Riachuelo Rio, reúne a cantora e pianista com Pretinho da Serrinha, parceiro desde aquele primeiro encontro sambista de 2013.

“Naquele show, ele subiu ao palco tímido, para cantar apenas duas músicas comigo. Agora volta sem nenhuma timidez, para abrir a voz e me encher de alegria”, recorda Leila. “Ele me disse que, na Serrinha, gratidão é ouro em pó, e nunca esqueceu do meu

convite. É puro amor!”, completa a artista.

O repertório percorre clássicos de mestres como João Bosco e Aldir Blanc, Dona Ivone Lara, Nei Lopes, João Nogueira, Arlindo Cruz, Sombrinha, Xande de Pilares, Almir Guineto e Jorge Aragão. Entre as pérolas selecionadas estão “Nação”, “Tendência”, “Fogo de Saudade” e “Trilha do Amor”, além de “Minha Mangueira”, composição própria de Leila em homenagem à verde e rosa, gravada mas ainda inédita em shows.

A direção musical fica por conta da própria artista, enquanto Marcus Fernando, pesquisador musical e cineasta que já foi seu parceiro no turnê de 2013, assina direção e roteiro. No palco, Leila tem o acompanhamento de banda formada por cinco músicos de primeira linha: Hudson Sete Cordas (violão de 7 cordas), Diego Zangado (bateria), Leandro Pereira (cavaquinho), Julio Florindo (contrabaixo) e Luiz Augusto (percussão).

Marisa Pinheiro/Divulgação



Leila Pinheiro celebra 45 anos de carreira em reencontro com o samba

Paraense de Belém, Leila construiu uma trajetória sólida iniciada aos 20 anos, quando abandonou Medicina para se dedicar à música. Mudou-se para o Rio em 1981 e ganhou projeção nacional ao vencer o prêmio de cantora-revelação no Festival dos Festivais (1985) com “Verde”, de Eduardo Gudin e José Carlos Costa Neto. Sua discografia reúne 24 álbuns e três DVDs, incluindo sucessos como “Benção, Bossa Nova” (1989) e “Coisas do Brasil” (1993).

Reconhecida pelo ecletismo e sofisticação de suas interpretações, a artista colaborou com nomes como Tom Jobim, Chico Buarque, Ivan Lins e Pat Metheny, apresentando-se em palcos prestigiosos como o Carnegie Hall, em Nova York (EUA). “Viva Meu Samba” celebra uma carreira consolidada e reafirma o lugar especial que o samba ocupa no coração de uma das mais completas intérpretes brasileiras. (A.N.)

## SERVIÇO

### LEILA PINHEIRO - VIVA MEU SAMBA

Teatro Riachuelo Rio (Rua do Passeio, 38, Centro)

10/9, às 20h

Ingressos entre R\$ 25 a R\$ 140

Divulgação



Alexandre Sant'Anna/Divulgação



Ana Alexandrino/Divulgação



Paulo Henriques Britto (E), Eucanaã Ferraz (C) e Arthur Nogueira (D) destacam os principais aspectos da obra do poeta e letrista



# Caminhando pela poesia de Antônio Cícero

Por Affonso Nunes

**A** obra poética viva de Antônio Cícero é celebrada nesta quarta-feira (10), às 17h30, no Clube de Leitura CCBB que promove um encontro especial dedicado ao poeta, filósofo e compositor que morreu em 2024, aos 79 anos, deixando um legado singular na cultura brasileira. A homenagem reúne dois dos principais nomes da literatura brasileira contemporânea - Paulo Henriques Britto, recém-eleito para a Academia Brasileira de Letras; e o professor e escritor Eucanaã Ferraz - além do compositor Arthur Nogueira, que musicou diversos poemas de Cícero.

O foco da discussão será “A Cidade e os Livros”, obra de 2002 que exemplifica a capacidade única de Antônio Cícero de entrelaçar experiência urbana e literária. Os poemas do livro evocam a descoberta eletrizante de pertencer anonimamente à cidade-labirinto, criando uma

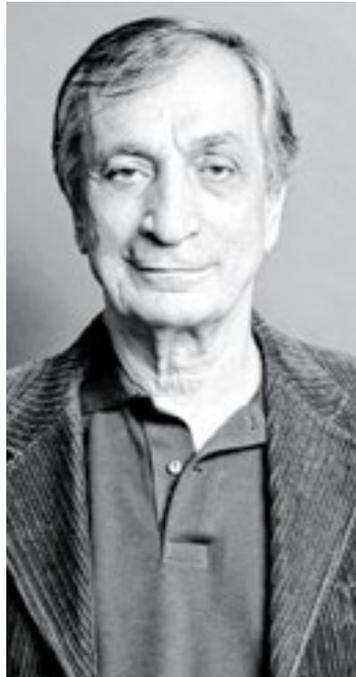
teia entre lugares-livros e livros-cidades que marca profundamente a poética do autor.

“A poesia e seus poetas estarão presentes nesta homenagem a Antônio Cícero, que é também a celebração de um trabalho repleto de beleza, onde o clássico e o contemporâneo se misturam”, observa Suzana Vargas, curadora e mediadora do Clube de Leitura CCBB. Para ela, “a poesia se faz representar em quaisquer dos gêneros literários que ele tenha praticado, seja na letra de música, com vasta produção, no ensaio filosófico ou em artigos diversos”.

Paulo Henriques Britto e Eucanaã Ferraz vão destacar promete iluminar aspectos fundamentais da obra ciceroniana. Segundo Suzana Vargas, os dois poetas “iluminarão a percepção

Edição deste mês do Clube de Leitura do CCBB-RJ celebra a obra do poeta e letrista

Divulgação



**Antônio Cícero é o homenageado do mês no evento literário promovido pelo CCBB**

e leitura do público acerca dessa obra concisa e consistente, fruto de uma inteligência luminosa como a ele se refere Caetano Veloso em muitos momentos”. Britto, que considera sempre louváveis as iniciativas de debate poético para público amplo, destaca que “a poesia brasileira vive um momento de muita diversidade e força, e merece ser mais lida e divulgada”.

A dimensão musical da obra de Cícero será destacada por Arthur Nogueira, que musicou poemas como “Sem medo nem esperança”, transformado em rock. “Muita gente ainda pensa que a poesia é difícil ou restrita, quando, na verdade, ela está no nosso cotidiano e pode inspirar diferentes formas de ser feliz”, reflete Nogueira. “A obra de Antônio Cícero é prova disso: ele é

capaz de transitar com naturalidade entre os livros e o universo da música pop, e assim atravessa gerações.”

Para o compositor, que se declara “muito honrado em participar, ainda mais ao lado de dois dos nossos maiores poetas contemporâneos”, o encontro representa uma oportunidade de “reconhecer o legado de Cícero, meu grande amigo e parceiro, e também para celebrar a poesia que se faz hoje no Brasil”. A parceria entre Cícero e diversos músicos, incluindo sua colaboração histórica com Marina Lima, exemplifica como sua poesia transcendeu os limites acadêmicos para alcançar o grande público.

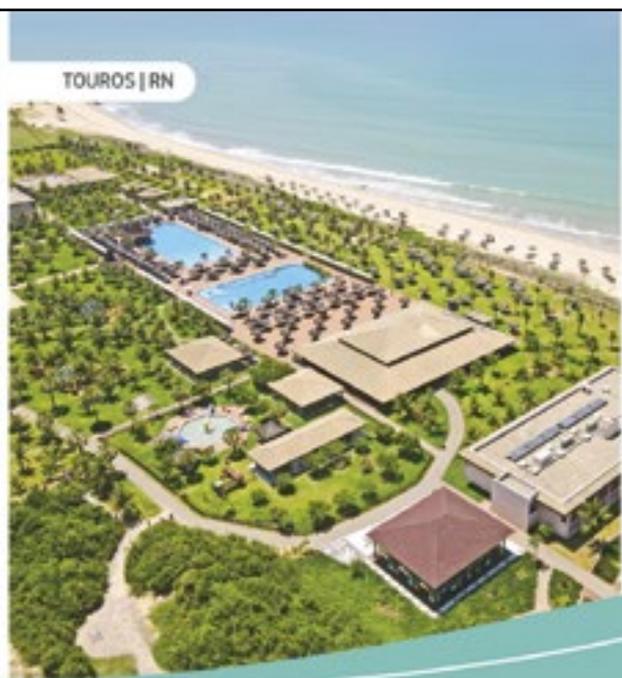
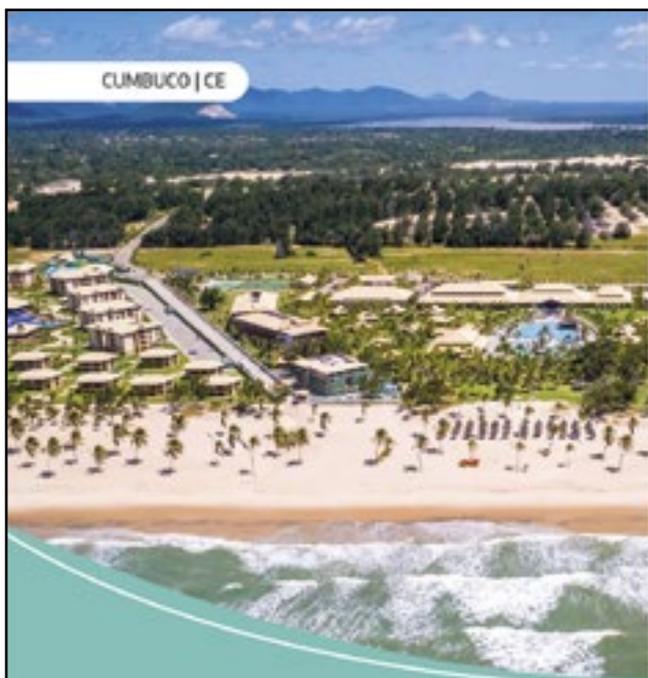
O evento integra a programação do Clube de Leitura CCBB, iniciativa que desde 2022 tem se mostrado fundamental para aproximar o público das artes literárias, democratizando o acesso à discussão cultural qualificada.

## SERVIÇO

### CLUBE DE LEITURA CCBB - HOMENAGEM A ANTÔNIO CÍCERO

Biblioteca do CCBB Rio de Janeiro (Rua Primeiro de Março, 66, 5º andar - Centro) | 10/9, às 17h30

Entrada gratuita, com ingressos disponíveis a partir das 9h do dia do evento na bilheteria ou em [www.bb.com.br/cultura](http://www.bb.com.br/cultura)



**PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES**  
*destinos.*  
**PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.**

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.  
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE JÁ!

